

O país e, mais particularmente, o “Reino Maravilhoso” que o viu nascer, decidiram comemorar os 100 anos do nascimento de Miguel Torga. Nós quisemos abraçar esta ideia, pois sensibilizou-nos a maneira como atravessa a sua vida na defesa da liberdade e da identidade portuguesa e a forma como se coloca e isola perante os outros na defesa da sua identidade própria e da autenticidade. Sabemos da sua aversão a prémios e a entrevistas, e desde já agradecemos por nos ter recebido, a nós, que no fundo não somos críticos nem entendidos em literatura. Apenas gostamos de ler e de aprender com Miguel Torga, de percorrer a vessada torguiana e sorver nas courelas das suas páginas o maravilhoso sentir de quem nos fala de amor, esperança, verdade e poesia.

Podemos perguntar-lhe quem é Miguel Torga. Como se define como poeta e escritor?

“O meu verdadeiro rosto, presente ou futuro, está nos livros que escrevi. É neles que disse quem sou e como sou”¹. “Não há espelho mais transparente do que uma página escrita. É nela que fica testemunhada para todo o sempre a verdade irreversível do autor”².

Mas entende que pela leitura das suas obras ficaremos a conhecer cabalmente o homem e o artista, sobretudo conhecendo que se tem mantido quase sempre isolado?

“Tanto que tenho dito de mim [...] e parece que nada revelei do que mais importava aos curiosos da intimidade. É o pior é que os vou deixar mesmo ougados”³. “O que dizemos e o que fazemos pouco ou nada revelam de nós. Por mim falo. Converso, escrevo páginas maciças de confissão, actuo, pareço transparente. E quem um dia quiser saber o que fui, terá de me adivinhar...”⁴. “Tanto que tenho dito de mim, por palavras e obras, e pasmo diariamente diante da incompreensão dos mais íntimos. Foi inútil e inglório todo o meu esforço para ser transparente aos olhos do mundo. Os rabos-leva que os inimigos me colaram modelaram-me uma imagem a que nenhum desmentido valeu. Fiquei a ser, não o poeta que realmente sou, mas o monstro que me inventaram”⁵. “O que eu sou toda a gente é capaz de ver; mas o que ninguém é capaz de imaginar é até onde sou, e como”⁶.

Além do homem, pensa que a vida é também um mistério?

“A vida... E a gente põe-se a pensar em quantas maravilhosas teorias os filósofos arquitectaram na severidade das Bibliotecas, em quantos belos poemas os poetas rimaram na pobreza das mansardas, ou em quantos fechados dogmas teológicos não entenderam na solidão das celas [...]. Mas a vida é uma coisa imensa, que não cabe numa teoria, num poema, num dogma, nem mesmo no desespero inteiro dum homem”⁷. “A vida não cabe num discurso, por mais sincero e pensado. Misteriosa e imprevisível, confunde a lógica de qualquer engenho”⁸.

Pela leitura das quase 32 000 páginas daquilo a que chamou “a parábola dos meus dias”, constatamos que percorreu o país subindo e descendo aos mais recônditos e desconhecidos locais. Qual a razão desse périplo constante?

“Não é por nacionalismo, que seria tolice. É por funda necessidade cultural que eu peregrino esta pátria. A realidade telúrica dum país, descoberta pelos métodos dum almocreve, é muito mais instrutiva do que trinta calhamaços de história, botânica ou economia. Sem acrescentar que é com o seu próprio corpo que o homem mede o berço e o caixão... (...) Temos de conhecer a nossa terra. Mas conhecê-la por dentro, sem preconceitos de nenhuma ordem. Amá-la, sim, mas objectivar-lhe tanto quanto possível os defeitos e as virtudes, para que o nosso afecto seja fecundo e progressivo. Portugal tem sido visto ou por arqueólogos ou por obcecados. São horas de tentar compreendê-lo doutro modo. Nem o cisco dos cacos, nem o delírio histórico. Uma radiografia profunda, que revele a solidez do esqueleto sobre o qual todo o corpo se mantém”⁹ “É o sinal da nossa originalidade profunda que eu procuro por todas as romarias, festas, feiras e fainas de Portugal. Infelizmente, encontro muito pouco”¹⁰.

E pensa que Portugal tem preservado a sua originalidade profunda, a sua identidade?

“Portugal já nem nos seus lugares emblemáticos, com pergaminhos históricos e naturais, é Portugal. Desfigurado pelo furor dos emigrantes e invadido por ondas de turistas de calção e sandália, só a custo deixa vislumbrar a identidade profunda. A própria paisagem, devassada por milhares e milhares de olhares

1 MIGUEL TORGA (1995). *Diário* (Edição Integral), Coimbra: ed. do Autor, p. 1626-1627.

2 MIGUEL TORGA (1991). *A Criação do mundo. O Quinto Dia*, 1ª edição conjunta. Coimbra: ed. do Autor, p. 313.

3 MIGUEL TORGA (1995), p. 1087-1088.

4 MIGUEL TORGA (1995), p. 1056.

5 MIGUEL TORGA (1995), p. 1632.

6 MIGUEL TORGA (1995), p. 1189).

7 MIGUEL TORGA (1995), p. 125.

8 MIGUEL TORGA (1995), p. 1652..

9 MIGUEL TORGA (1995), p. 446-447.

10 MIGUEL TORGA (1995), p. 434-435.

indiferentes ou alheios, se me afigura murcha e combalida, voltada contra o deslumbramento legítimo de quantos tentam ainda preservá-la e honrá-la. Até o ar puro que outrora aqui se respirava parece não ter o mesmo oxigénio tónico depois de passar por tantos pulmões adventícios. O decantado «jardim à beira mar plantado» de quem o sabia ver e amar, deixou de ser íntimo e habitual. Todo ele se transfigura dia a dia, dramaticamente, numa penosa saudade poluída”¹¹.

Pode dizer-se que então conhece bem o nosso país?

“Ah, sim, lá conhecer Portugal conheço-o eu! Não houve aceno de monte ou de planície a que não respondesse. Subi a todas as serras e calcorreei todos os vales desta pátria. Por isso, quando chegar a hora da grande jogada, tenho um trunfo a meu favor que há-de desconcertar a morte: a íntima certeza de que não vou estranhar a cama, seja qual for o sítio onde me enterrem”¹².

Um dia disse amar Portugal como um namorado. Qual a essência e a génese desse amor?

“Amar Portugal, amei-o eu sempre, e procurei compreendê-lo de todas as maneiras, inventariando-lhe incansavelmente o corpo e a alma, devoto e defensor da sua identidade”¹³.

Defeni-se, um dia, como um homem que comia terra. Esta metáfora simboliza o seu telurismo?

“O meu segredo é este: curo as chagas com pensos de terra”¹⁴. É na cartilha da natureza que aprendo o que à minha inquietação mais importa”¹⁵. “E sempre que, à custa de esforço e porfia, consigo (...) unir, digamos, o meu corpo e o meu sangue ao corpo e ao sangue da natureza, a perfeita comunhão que se realiza e a estranha metamorfose que daí resulta exigem o nome sagrado de transfiguração”¹⁶. “Sou, na verdade, um geófago insaciável necessitado diariamente de alguns quilómetros de nutrição. Devoro planícies como se engolissem bolachas de água e sal, e atiro-me às serranias como à broa da infância. É fisiológico, isto. Comer terra é uma prática velha do homem. Antes que ela o mastigue, vai-a mastigando ele. O mal, no meu caso particular, é que exagero. Empanturro-me de horizontes e de montanhas, e quase que me sinto depois uma província suplementar de Portugal.”¹⁷. “Nasci ávido de desconhecido, guloso dos segredos da Terra”¹⁸

Além de um defensor indómito da sua pátria telúrica, define-se também como Ibérico e universal.

“Nasci numa aldeia transmontana, mas respiro todo o ar peninsular”¹⁹. “Sou um português hispânico. Cioso da minha pátria cívica, da sua independência, da sua História, da sua singularidade cultural, gosto, contudo, de me sentir galego, castelhano, andaluz, catalão, asturiano ou vasconço nas horas complementares do instinto e da mente. E, como à dura condição de existir junto a de escrever, muito papel tenho lavrado a contar as emoções desse convívio físico e espiritual sem fronteiras”²⁰. “A minha pátria cívica acaba em Barca de Alva; mas a minha pátria telúrica só finda nos Pirinéus. Sou, pela graça da vida, peninsular”²¹. Este “amor pertinaz à península, Dulcinea de muitas feições e afeições. Não é paixão que entre em conflito com a que sinto pela pátria. É algo de afectivo que, sem a trair civicamente, lhe alarga as fronteiras para além de todos os limites culturais configuradores. Que situa a sua integralidade num contexto dilatado”²²

Qual é então o seu conceito de iberismo?

“O meu iberismo é um sonho platónico de harmonia peninsular de nações. Todas irmãs e todas independentes. Mas é também uma paixão escabreada, que arrefece mal se desenha no horizonte qualquer sinal de hegemonia política, económica ou cultural. Que exige reciprocidade na sua boa fé e nos seus arroubos. Que quer apenas comungar fraternalmente num mais largo espaço de espiritualidade”²³. “Considero que os povos ibéricos são nações”²⁴. “Unidos pela fatalidade dum matrimónio geográfico, infeliz mas indissolúvel”²⁵. “São mais do que aglomerados de povos, quer dizer, nações. A Península funciona para mim como um continente. Os

11 MIGUEL TORGA (1995), p. 1625.

12 M MIGUEL TORGA (1995), p. 728-729.

13 MIGUEL TORGA (1995), p. 1562.

14 MIGUEL TORGA (1995), p. 867.

15 MIGUEL TORGA (1995), p. 972-973.

16 MIGUEL TORGA (1995), p. 920.

17 MIGUEL TORGA (1995), p. 801-802

18 MIGUEL TORGA (1995), p. 1076.

19 MIGUEL TORGA (1995), p. 1452.

20 MIGUEL TORGA (1995), p. 1452.

21 MIGUEL TORGA (1995), p. 242).

22 MIGUEL TORGA (1995), p. 1397).

23 MIGUEL TORGA (1995), p. 1539.

24 *Entrevista*, in MOLINA, C. A. (1990), p. 190-191.

25 MIGUEL TORGA (1995), p. 482.

povos não têm fronteiras visíveis, mas têm fronteiras individuais e dentro delas são irredutíveis. É evidente que estão todos ligados por laços históricos, culturais, mas têm uma personalidade específica”²⁶. “Ibéria. (...) Uma Ibéria que afirmo convictamente (...) ser um verdadeiro continente, pela singularidade da sua fisionomia física, rática, idiomática, cultural, económica e política. Mais do que um conglomerado de regiões, um conjunto de nações (...) unidas pela mesma fatalidade geográfica e por uma teia de cruzamentos históricos, mas tão vincadamente originais que as fronteiras de cada uma, mais do que no mapa, estão traçadas na alma de cada filho. Portugal que o diga”²⁷.

Perspectiva ou advoga que com a entrada da Ibéria na União Europeia permanecerão imaculadas identidade ibérica e, naturalmente, a identidade portuguesa?

“Pedi a Deus, alto e bom som, que assim fosse, e possamos continuar a ter voz própria, identidade, e direito a um território livre e autónomo que não receba diariamente ordens alheias de cultura e cultivo, e seja obrigatoriamente transformado num eucaliptal”²⁸. “Portugal é uma presença inconfundível na crónica do mundo.”²⁹. “Original na maneira de ser, de sentir e de pensar, a cultura universal deve-lhe um modo específico de encarar a vida e os valores”³⁰. A Portugal “a terra deve parte do seu tamanho e muita da sua significação”³¹. “Acrescentai, por favor, que lutei, luto e lutarei até ao derradeiro alento pela preservação dessa identidade, última razão de ser de qualquer indivíduo ou colectividade, e que repudio com todas as veras da alma a irresponsabilidade da Europa que em Maastricht, sornamente, a tenta negar, trair-se e trair-nos. E que, além de no presente recusar assim radicalmente o cerceamento à minha expressão ocidental, me orgulho de no passado, sem compromisso de nenhuma ordem, e às claras, ter pensado sempre em termos de livre comunhão e desinteressada fraternidade o mundo redondo [...]. Que sou, desde que me conheço, um seu devotado cidadão português”³². “Não vai valer de nada. Foi deitar água em cesto roto. Mas varri a minha testada. É um protesto. O tempo dirá se era justificado. Mas creio que sim, e fica pelo menos registado o repúdio de um poeta português pela irresponsabilidade com que meia dúzia de contabilistas lhe alienaram a soberania da pátria. Tenho como certo que Maastricht há-de ser uma nódoa indelével na memória da Europa, envergonhada de, no curso da sua gloriosa história, ter trocado neste triste momento o calor do seu génio criador pela febre usurária e, nas próprias assembleias onde prega a boa-nova das regras comunitárias, fintar de mil maneiras os parceiros. Só que as grandes potências podem dar-se ao luxo de todos os jogos malabares e safadezas, e assinar até tratados ardilosos com abdições aparentes da sua identidade. E as pequenas, não. Se, por leviandade ou megalomania, arriscam um mau passo no caminho da independência, perdem-na de vez. Que é, infelizmente, o que, se o destino nos não acudir com um milagre, nos vai acontecer”³³.

Fernando Namora, afirma que “a verdadeira universalidade, a que atravessa os séculos e ignora as modas, é feita do que é singular”, concorda com esta visão?

“O universal é o local sem paredes. É o autêntico que pode ser visto de todos os lados, e em todos os lados está certo, como a verdade”³⁴. “O geral sim, mas a partir do particular”³⁵. “O mundo é uma realidade universal desarticulada em biliões de realidades individuais”³⁶.

O mundo é a tensão entre o particular e o universal, na sua opinião é nesta relação dialéctica que as várias identidades se interrelacionam e convivem?

“O globo é uma consciência redonda”³⁷. “Só quando o artista descreve uma autenticidade nacional é que revela uma autenticidade universal”³⁸. “É numa fraternidade assim de confissões e confidências que a cultura se faz. Quer dizer: só depois de bem avaliar as suas características particulares e as caldear a seguir no grande lume universal, pode um qualquer ser ao mesmo tempo um cidadão de Trás-os-Montes e cidadão do mundo. [...] Fincar primeiro, amorosa e obstinadamente, os pés na terra esbraçada da Ibéria; e, com ela na sensibilidade e no entendimento, olhar então, num movimento de humana e natural curiosidade, para o que se

26 *Entrevista*, in MOLINA, C. A. (1990), p. 190-191).

27 MIGUEL TORGA (1995), p. 1377.

28 MIGUEL TORGA (1995), p. 1620.

29 MIGUEL TORGA (1969). *Traço de União*, Coimbra: ed. do Autor, p. 142.

30 MIGUEL TORGA (1995), p. 1541-1542.

31 MIGUEL TORGA (1969), p. 142.

32 MIGUEL TORGA (1995), p. 1647-1648.

33 MIGUEL TORGA (1995), p. 1642

34 MIGUEL TORGA (1969), p. 69.

35 MIGUEL TORGA (1995), p. 1338.

36 MIGUEL TORGA (1995), p. 40-41.

37 MIGUEL TORGA (1995), p. 648.

38 MIGUEL TORGA (1976). *Fogo Preso*, Coimbra: ed. do Autor, p 34.

passa do outro lado do muro”³⁹. “A cultura, apesar dos saltos aparentes, é uma continuidade subterrânea”⁴⁰. “A cultura universal tem de ser o somatório de todas as culturas nacionais”⁴¹. “A verdadeira cultura, sem implicar renúncia individual ou falta de personalidade, é, fundamentalmente, uma ampla confraternização de experiências humanas”⁴².

É médico e Escritor. Como consegue conciliar na mesma existência a essência de poeta e de médico, como convivem na mesma pessoa um filho de Dante quer e um discípulo de Hipócrates?

“O poeta que imagina e sonha dentro de mim teve sempre de esperar pelo médico concreto e prático que mora a seu lado, irmão siamês severo para quem as dores de qualquer humilde semelhante têm mais importância do que todas as epopeias que a inspiração possa escrever”⁴³.

Porque decidiu seguir a carreira de médico?

“Sem qualidades pedagógicas, canhestro em línguas, inimigo de códigos e sentenças, e, sobretudo, cioso de liberdade, só na arte de Hipócrates poderia encontrar ao mesmo tempo uma profissão e um caminho humano paralelo ao que, sem diplomas de nenhuma espécie, tencionava seguir. Serviria dois anos, dando a ambos o mesmo devotamento e a mesma fidelidade. Dos honrados serviços prestados a um, tiraria o pão da boca; do inquebrantável esforço dado ao outro, nada receberia. Era uma pura imolação”⁴⁴. “A ter de ser qualquer coisa na vida além de artista, foi realmente bom lembrar-me da profissão de médico. Embora seja de todos os ofícios o que exige uma maior entrega, encontrei nele uma justificação humana que só a vida de lavrador me poderia ter dado, se eu ficasse onde devia ter ficado. O mundo vai por mau caminho (...) só no amor pelo semelhante, no bem directo que se lhe possa fazer, na ferida que se lhe cure e na dor que se lhe alivie, se poderá testemunhar a fraternidade e a solidariedade dos homens. (...) Só resta à humanidade dilacerada, nevrosada e agónica, a mão branda de quem lhe ponha um lenitivo sobre as feridas abertas”⁴⁵.

Sentiu-se realizado no exercício da medicina?

“Não podendo dar nada de grande aos outros, resta-me assim a consolação de ter curado muita gente, de a ter ajudado a vencer horas terríveis, ou tomando sobre os meus ombros toda a responsabilidade do desespero, ou doirando a própria morte com uma energia de lutador, que era sobretudo a cobertura de uma retirada. Às vezes pareceu-me dura a disponibilidade que exigiam de mim, fazendo-me erguer da cama a desoras, quando o poema estava no meio ou quando o corpo me pedia um pouco de repouso e de paz. Mas o sacrifício tinha a recompensa em si próprio. E o poema, depois, ou ganhava sentido, ou murchava de vergonha”⁴⁶. “Enxuguei lágrimas, aliviei dores, curei o que pude. Foi uma ajuda directa, sem filosofias, sem pensamentos reservados, sem valor histórico. Foi o sangue a jorrar e eu a tapá-lo”⁴⁷. “Na minha já longa vida de médico, só tive uma preocupação: entender o sofrimento alheio mesmo quando ele objectivamente me parecia injustificado. Não o julgar em caso algum uma fraqueza a reprovar, mas uma desgraça a remediar. E confessei mais do que observei, vali-me mais do coração do que da sabedoria. Enxuguei mais lágrimas do que receitei. Fiz da esperança a grande arma do meu arsenal terapêutico. Esperança que eu próprio não tinha muitas vezes, mas que, mesmo fingida, fazia milagres”⁴⁸.

Está a afirmar que o acto médico pode comparar-se a uma espécie de missão, a um sacerdócio?

“O amor do próximo, que os discípulos oficiais de Cristo pregam de cor, é isto que a profissão diariamente me ensina: estar sempre disponível para acudir ao semelhante, de dia, de noite, a toda a hora, com a mesma solicitude, a mesma paciência, a mesma compreensão. Ouvir queixas, enxugar lágrimas, minorar sofrimentos, incutir confiança. Dar a cada alma aflita uma solidariedade real, a ser-lhe concretamente prestável, como o Autor do mandamento o foi, a impor as mãos, a exorcizar, a curar e a ressuscitar”⁴⁹. “Sempre que visto esta bata sinto-me paramentado, investido numa ordem iniciática de que o primeiro troglodita que exorcizou com rezas e fumos os males do vizinho foi o fundador [...]. Saibam todos que a forma suprema de dar solidariedade a alguém é valer-lhe na doença, quando, indefeso, luta com a dor e a morte. E davam-na como podiam,

39 MIGUEL TORGA (1995), p. 155-156.

40 MIGUEL TORGA (1991), p. 201.

41 MIGUEL TORGA (1995), p. 1338.

42 MIGUEL TORGA (1995), p. 566.

43 MIGUEL TORGA (1995), p. 968.

44 MIGUEL TORGA (1991), p. 157-158).

45 MIGUEL TORGA (1995), p. 390-391.

46 MIGUEL TORGA (1995), p. 390-391.

47 MIGUEL TORGA (1995), p. 410

48 MIGUEL TORGA (1995), p. 1529.

49 MIGUEL TORGA (1995), p. 1115.

contraindo ainda a responsabilidade social de o fazer [...]. Uma coisa posso afirmar: se é no balanço de um poema que elevo mais alto o espírito, é a auscultar o coração desfalecido de um semelhante que sinto pulsar o meu com mais assumida humanidade”⁵⁰.

No limiar da sua carreira como escritor aderiu a grupos literários como a Presença e esteve na génese de revistas como Sinal e Manifesto, tendo-se depois afastado. Quais as razões desta auto-marginalização, deste isolamento?

“Desde jovem sempre tive a impressão de que a arte, a escrita, era um acto ontológico, um acto sagrado”⁵¹. “Soube sempre, desde a hora temerária do começo, que escrever é um acto ontológico, que compromete perpetuamente quem o pratica. Que nenhum outro implica tanta responsabilidade e tanto risco”⁵². “Escrever uma palavra no papel é um passo muito grave”⁵³. “Nesses momentos sempre tive a impressão de que (...) a literatura é uma coisa muito mais séria e profunda e, sobretudo, tremendamente solitária. Que o indivíduo tinha de lutar sozinho contra os seus próprios demónios. Foi assim que acabei por me incompatibilizar não só com o mundo literário, mas também com tudo. Porque no fundo fui perdendo tudo”⁵⁴.

Então teve de cumprir-se trilhando o seu caminho como um marginal, desafinando da ordem estabelecida?

“Não consigo ver pelos óculos de ninguém”⁵⁵. “Roda dentada às avessas, não engato de maneira nenhuma nesta engrenagem (...) e, quanto mais me forçam, pior é: ranjo, arranho, e em vez de peça útil ao mecanismo social, acabo por ser um elemento de perturbação”⁵⁶. “Obstinadamente rebelde a compromissos de qualquer ordem - políticos, económicos, profissionais, religiosos, literários ou outros -, tornei-me naturalmente um marginal, o que não significa de maneira nenhuma um desertor cívico”⁵⁷. “O que sou, quero continuar a sê-lo privadamente; e o que escrevo, quero continuar a dá-lo a conhecer sem alardes. Existencialmente, cada vez me apetece mais o retiro dos anacoretas. Sozinho com as minhas angústias, as minhas dores, as minhas desilusões. Quanto aos livros, hoje como ontem, apenas os concebo propiciados ao leitor no pretório das montras. Mais nada. Mas as pessoas compreendem mal isto, e não desarmam. Solicitam, pressionam, invadem”⁵⁸.

Acha que foi compreendido?

“Nunca serei compreendido. Todos me censuram a única virtude que realmente tenho: ser idêntico a mim próprio desde que nasci. Diferente dos mais, não por presunção, mas condição. Tudo o que digo e faço causa engulhos. Não coincido com a lógica comum, com os hábitos comuns, com os lugares-comuns. Não sei respeitar as aparências. (...) Contemporâneo de uma humanidade desalmada que vitoriou freneticamente os mais criminosos tiranos e lhes sofreu anos a fio, pacientemente, todas as enormidades, e que, depois desses tempos de ignomínia e submissão, diariamente se guerreia, cidadão empenhado mas descomprometido num mundo que amei entranhadamente e aos poucos me foi desiludindo, nada mais quero dele senão a certeza de que em breve vou voltar costas à farsa, sem remorsos de a ter aplaudido”⁵⁹. “O certo é que, de passo em passo, cheguei a esta íntima solidão humana, a que me resigno enquanto indivíduo, mas como artista sempre reneguei e renegarei”⁶⁰.

Considera-se então um isolado, um solitário?

“Não obstante a lei natural que aconselha a que não haja homem sem homem, é preciso que a santa cegueira do artista lhe dê força bastante para, em última análise, ficar só e confiante. Ora eu tenho, como artista, essa cegueira”⁶¹. “Às vezes tenho pena deste isolamento em que vivo [...]. Atravessar a vida num desterro profissional, longe dos que são meus [...] não é destino que me possa dar alegria. Mas depois penso nas tricas que vão pelas terras onde eles vivem juntos [...]. E resigno-me”⁶². “Todos sabemos, clara ou brumosamente, que nascemos sós, vivemos sós e morremos sós. E que, até nas horas menos infelizes, no mais fundo do nosso

50 MIGUEL TORGA (1995), p. 1280-1281.

51 *Entrevista*, in MOLINA, C. A. (1990), p. 193.

52 MIGUEL TORGA (1995), p. 1638

53 MIGUEL TORGA (1995), p. 969.

54 *Entrevista*, in MOLINA, C. A. (1990), p. 193.

55 MIGUEL TORGA (1995), p. 1077.

56 MIGUEL TORGA (1995), p. P. 817.

57 MIGUEL TORGA (1995), p. 1099.

58 MIGUEL TORGA (1995), p. 1440.

59 MIGUEL TORGA (1995), p. 1611.

60 MIGUEL TORGA (1995), p. 1184.

61 MIGUEL TORGA (1995), p.20.

62 MIGUEL TORGA (1995), p. 513.

inconsciente, lateja, cruciante, a dor incurável dessa condenação. Mas sabemos também que a Bíblia, o livro dos livros, nos ensina que não há homem sem homem, e que o próprio Cristo teve, a caminho do Calvário, a fortuna dum Cireneu para o aliviar do peso da cruz. O que, trocado por miúdos, significa que a solidão radical de cada existência [...] é mitigada por uma força que, se não vence o destino, inconformadamente desde sempre o desafia”⁶³. “Afim, dependo, como humano, da comunhão com a humanidade dos outros. Que só quando convivo, em pensamento, palavras e obras, vivo e sou realmente eu”⁶⁴.

Já que escolhemos o *Diário* como obra para concorrer no concurso “Sapo Challenge”, como nos definiria o seu *Diário*?

“O *Diário* foi começando quando eu era criança. Continuou durante a época trágica da ditadura. Portanto não havia liberdade de pensamento existia uma censura brutal. Todos os jornais estavam calados, tal como os livros. Publiquei vários que foram apreendidos imediatamente. Como sabe, estive preso. A minha mulher foi expulsa da Universidade. Então o *Diário* foi surgindo de várias necessidades que havia em mim. Uma delas, uma das mais importantes, foi precisamente a de estar em oposição a um poder totalmente autoritário e opressivo. Assim ia mantendo as minhas próprias contas em dia com o espírito, ia clarificando em pensamento a minha situação humana e literária, e também sentimental. Depois sucedia o seguinte. Todos os livros que publicava eram apreendidos e era como se estivessem mortos. O *Diário*, como o editava de três em três anos, ou de quatro em quatro, durante esse período tinha a certeza de que eu estava intacto ali e de que dispunha, portanto, do meu próprio retrato. Era assim um espelho diante da minha própria consciência. Reforçava-me nesse espelho, aumentava a minha coragem para continuar a lutar e a resistir. Depois o *Diário* também era sequestrado, mas eu já tinha iniciado outro e continuava a estar diante desse mesmo espelho. Sou um andarilho, um homem que gosta de conhecer as coisas. É uma das maneiras de fixar as ilusões, as sensações, as impressões que tinha diante das coisas ao recordá-las, ao querer torná-las presentes para o seu estudo, era registando-as. E o *Diário* é isso. Por outro lado também havia a parte poética. Como sabe no *Diário* também havia muita poesia. Recorda-se do primeiro poema que escrevo no *Diário*? É um dos mais significativos. É realmente a chave. Intitula-se “Santo e Senha”: “Deixem passar quem vai na sua estrada / Deixem passar quem vai cheio de noite e de luar / Deixem passar e não lhe digam nada...”. O *Diário* queria abrir uma brecha numa grande solidão, numa grande opressão. É por isso que começo com esse “Deixem passar, deixem passar!”. O *Diário* é um resumo de todos aqueles caminhos que percorri e que ainda continuo a percorrer. É a história de um homem insubmisso, de um poeta rebelde, de um homem inconformista; portanto um homem no fundo solitário, mas solidário”⁶⁵. Mais do que páginas de meditação, são gritos de alma irreprimíveis dum mortal que torceu mas não quebrou, que, sem poder, pôde até à exaustão. De alguma coisa me hão-de valer as cicatrizes de defensor incansável do amor, da verdade e da liberdade, a tríade bendita que justifica a passagem de qualquer homem por este mundo”⁶⁶.

Afinal a sua tríade é mais um quadrilátero, um conjunto de quatro pontos cardeais que balizam a sua obra e a sua vida. Porquê a poesia?

“Por ela ser o que de mais cristalino o ouvido ouve e a vista vê. Por ela juntar os homens e nunca os separar. Por ela ser o derradeiro pão do espírito. Por ela ser a única vida que não morre. Por ela ser a liberdade!”⁶⁷. “Poesia [...] é que só ela, encarnada, poderia ser o símbolo perene e puro do martírio inocente e o mais nobre penhor da eterna ressurreição da liberdade”⁶⁸. O poeta é um solidário, comprometido com a humanidade: “não me dói nada meu particular, peno cilícios da comunidade”⁶⁹. “A Poesia [...] é a mais completa pergunta que se pode fazer à humanidade, e a mais sugestiva resposta que essa mesma humanidade pode dar, nenhum sofisma deve existir nos termos”⁷⁰.

63 MIGUEL TORGA (1995), p. 1627.

64 MIGUEL TORGA (1995), p. 1427.

65 *Entrevista*, in MOLINA, C. A. (1990), 192-193.

66 MIGUEL TORGA (1995), p. 1667-1688.

67 MIGUEL TORGA (1995), p. 541.

68 MIGUEL TORGA (1995), p. 1465.

69 MIGUEL TORGA (1974). *Cântico do Homem*. Coimbra: ed. do Autor, p. 17.

70 MIGUEL TORGA (1995), p. 530-531.

Defendeu, em *Novos Contos da Montanha*, que a poesia tem uma missão integradora do cosmos, é um instrumento de conexão universal que brota, como refere, “dum sincero esforço de comunhão universal”⁷¹ ou, como afirma também no *Diário*, de um “sonho de fraternidade universal”⁷²?

“O que fez da Poesia um dos picos imaculados da cultura [...] e ao mesmo tempo um factor decisivo da consciência universal, foi o seu heroísmo e a sua fidelidade a tudo o que é eterno. E para que continue [...] essa missão purificadora e unificadora, é necessário que ela seja a expressão dos mais puros anseios de cada um e de todos. É preciso que abrace não apenas um indivíduo ou uma classe, mas o Homem. (...) Mais do que refocilar no lodo, é urgente que a Poesia arranque dele os que ali caíram desesperados, e lhes transmita a alegria de viver na descoberta sempre renovada e virginal dos seres e das coisas. Nem caridade, nem humanitarismo. Simplesmente a revelação gratuita e maravilhosa da face permanente do circunstancial, esperança libertadora ansiosamente desejada por todos os mortais”⁷³. “Esgotados os argumentos ardilosos, os sofismas, as ameaças e as agressões, só resta à humanidade experimentar as armas da fantasia e os tratados poéticos. Agónico à mesa redonda das conferências dos profissionais da ordem e do progresso, o mundo precisa que lhe dê carinho quem verdadeiramente o ama pela sua beleza gratuita, pela sua generosa condição de lugar onde se vive e respira. Ora se somos nós, justamente, esses enfermeiros de mãos leves e puras, capazes de colocar um penso astral no concreto desespero duma ferida, devemos ter a coragem de o afirmar, alto e bom som, para que todos o saibam e tenham esperança. Porque é de esperança, eterna e sempre renovada esperança, a nossa lúdica presença na terra. No fundo do seu coração desiludido, atrás da ironia com que nos agride, a humanidade confia em nós. Ela sabe que só os poetas a não traíram através dos séculos, imortalizando o que nela havia de mais generoso, de mais heróico, de mais santo e de mais devotado. Dando forma ao seu espanto, ritmo à sua angústia, leveza aos seus pesadelos. [...]. Ao fim e ao cabo, é num poema que desabrocham todas as suas vicissitudes. Sim, amigos! É num poema que, em último recurso, se condensa a história de cada homem, e, por alargamento, a história de todos os homens. (...) Um acto de fé na poesia! Um compromisso público de que não a trairemos em nome de nenhuma tirania, de nenhuma urgência, de nenhuma conveniência. De que morreremos por ela, se preciso for, por ela ser o que de mais cristalino o ouvido ouve e a vista vê. Por ela juntar os homens e nunca os separar. Por ela ser o derradeiro pão do espírito. Por ela ser a única vida que não morre. Por ela ser a liberdade!”⁷⁴. “Os poetas são como os faróis: dão chicotadas de luz à escuridão”⁷⁵. “Solidário mas autónomo, o poeta é um rebelde que sabe que a poesia apenas subverte porque transfigura, e que será esse sempre o seu vanguardismo. [...] É nesta encruzilhada de perguntas e dúvidas que radicam as minhas apreensões, agravadas dia a dia perante a evidência do isolamento progressivo em que no íntimo vivemos todos. [...] Todos vivemos exilados dentro de nós [...] na convicção de que o poeta, na transparência da poesia, só não trai o seu semelhante quando não se trai a si próprio”⁷⁶. “Só quando insubmissos, e por isso dignos do seu nome, os poetas serão capazes de cumprir a sua missão divinatória por conta de todo o sofrimento humano. Somente da fortaleza da sua independência poderão oferecer à angústia universal a chave de um futuro melhor, construído, sobre a denúncia dos crimes e das injustiças de que são testemunhas. O seu desejo de serem exemplares será a única arma do seu combate e a única esperança do seu triunfo. Corvos fugidos da arca onde navegava o medo e a passividade, terão de enfrentar a fúria do dilúvio e descobrir o rochedo onde não cheguem as vagas de nenhuma tirania. Antes de trair, os poetas têm obrigação de sucumbir. Só assim poderão espalhar a boa-nova de uma verdade em perpétua renovação, pólen imponderável e alado que atravessa as fronteiras sem passaporte e fecunda do mesmo sonho todos os corações”⁷⁷.

Qual foi e qual é a posição dos escritores, dos artistas relativamente aos partidos políticos e às ideologias uma vez que são e foram consecutivamente acusados de servirem sempre uma ideologia, de estarem comprometidos partidariamente, com o poder?

“Não. Tal como o santo, o artista não se opõe ao poder. Mesmo sem santidade, ele é o oposto do poder. Mais do que revolucionário, ele é um revoltado; e mais ainda do que um revoltado, ele é um rebelde. Um campeão da liberdade, tão livre, que vive em luta permanente com os seus próprios demónios”⁷⁸. “A atitude de todo o artista verdadeiro não pode ser (...) senão de inteira e franca comunhão com a grande massa do país. Os artistas não constituem uma classe. São livres e mágicos servidores de quem tem a verdade e a história pelo seu

71 MIGUEL TORGA (2001). *Novos Contos da Montanha*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 13.

72 MIGUEL TORGA (1995), p. 913.

73 MIGUEL TORGA (1995), p. 530-531.

74 MIGUEL TORGA (1995), p. 540-541.

75 MIGUEL TORGA (1995), p. 989.

76 MIGUEL TORGA (1995), p. 1244-1245.

77 MIGUEL TORGA (1995), p. 530-531.

78 MIGUEL TORGA (1995), p. 1252

lado. Ora, a verdade e a história estão, como sempre estiveram, do lado do povo”⁷⁹. “Há uma coisa que nenhuma ideologia pode tirar aos artistas verdadeiros: é a sua consciência de que são tão fundamentais à vida como o pão. Podem acusá-los de servirem esta ou aquela classe. Pura calúnia. É o mesmo que dizer que uma flor serve a princesa que a cheira. O mundo não pode viver sem flores, e por isso elas nascem e desabrocham. Se olhos menos avisados passam por elas e as não podem ver, a traição não é delas, mas dos olhos, ou de quem os mantém cegos e incultos”⁸⁰.

Considera-se um anarquista, alguém contra o poder?

“Há em mim uma raiz anarquista que me não deixa tolerar o poder. Sou contra ele porque degrada tudo: quem o exerce e quem o suporta. Corre-se o país de alto a baixo, e que tristeza de paisagem humana! A rasoira da mediocridade nivelou a seara numa pequenez outoniça. Não se ouve uma voz singular no murmúrio colectivo, nenhum grito se sobrepõe ao coaxar monótono do charco. As conversas são ladainhas que um *ora pro nobis* gemebundo remata ritualmente. Pede-se a salvação a Deus e a alimentação ao Estado, de rastos, a lambar os degraus do altar e as escadas dos ministérios. As montras das livrarias lembram açougues, onde o espírito, vencido e resignado, se massacra. O medo é o oxigénio da respiração nacional. Já ninguém entende sequer que está diminuído, abúlico, cadavérico em vida. Todos transigiram e, no fundo, optaram pela degradação. O almocreve nem o esforço de erguer a carga à altura do burro precisa fazer: o burro, como os camelos, recebe-a de joelhos. Os próprios incorruptíveis, por simples necessidade de sobrevivência, foram diminuindo de estatura. Cientes de que um passo em falso seria a pura liquidação, a morte, encolheram-se dentro da camisa de forças, de maneira a poderem estrebuchar dentro dela sem grande alarme exterior. Lutam ainda, é certo, e honra lhes seja por isso, mas ao nível de uma cautela de tal modo deformante, que mal se distinguem dos outros nove milhões de pigmeus sem esperança”⁸¹.

Criticou a ditadura, por isso foi preso, mas teceu igualmente críticas à Revolução dos cravos:

“Estranha revolução esta, que desilude e humilha quem sempre ardentemente a desejou. A mais imunda vasa humana a vir à tona, as invejas mais sórdidas vingadas, o lugar imerecido e cobiçado tomado de assalto, a retórica balofa a fazer de inteligência. Mas teimo em crer que apesar de tudo valeu a pena assistir ao descabro. Pelo menos não morro iludido, como os que partiram nas vésperas do terramoto. Cuidavam que combatiam pelo futuro e, na verdade, assim acontecia, mas apenas na medida em que o sonhavam como se ele tivesse de ser coerente com a dignidade do seu passado de lutadores. O trágico é que um futuro sonhado não passa de uma ficção. O tempo é o lugar do inédito. O futuro autêntico é sempre misterioso e autónomo das premissas de que partiu. Quando chega, traz os seus valores, as suas leis, a sua gente, nem boa, nem má. Traz os títeres que lhe convêm. Ou pior: os títeres a quem a hora convém”⁸². O dilaceramento da pátria ultrapassou aquele limite de perdição para além do qual só resta o abismo [...]. E o povo com o instinto de conservação intacto protesta [...], reage como pode [...]. E talvez seja lícito ler no seu gesto reactivo uma mensagem positiva de salvação. Virando assim costas aos valores falsificados que lhes quis inculcar uma revolução de mentira, acaba por restaurar em nós a esperança numa revolução de verdade”⁸³. “Que pestilência, quando o futuro esventrar o cadáver deste tempo português!”⁸⁴. “Estamos a viver em pleno absurdo, a escrever no livro da História gafafunhos que nenhuma inteligência poderá decifrar no futuro. Todas as conjecturas têm as mesmas probabilidades de acerto ou desacerto. Jogamos numa roleta de loucos, que tanto anda como desanda. O que apelidamos de revolução é um despautério social a que teimamos em dar esse nome sagrado. Quem faz revoluções não exhibe revoluções”⁸⁵. “Bem quero, mas não consigo alhear-me da comédia democrática que substituí a tragédia autocrática no palco do país. Só nós! Dá vontade de chorar, ver tanta irreflexão. Não aprendemos nenhuma lição política, por mais eloquente que seja. Cinquenta anos a suspirar sem glória pelo fim de um jugo humilhante, e quando temos a oportunidade de ser verdadeiramente livres escravizamo-nos às nossas obsessões. Ninguém aqui entende outra voz que não seja a dos seus humores. É humoralmente que elegemos, que legislamos, que governamos. E somos uma comunidade de solidões impulsivas a todos os níveis da cidadania. Com oitocentos anos de História, parecemos crianças sociais. Jogamos às escondidas nos corredores das instituições”⁸⁶.

79 MIGUEL TORGA (1995), p. 285

80 MIGUEL TORGA (1995), p. 225

81 MIGUEL TORGA (1995), p. 747-748.

82 MIGUEL TORGA (1995), p. 1202. “

83 MIGUEL TORGA (1995), p. 1237-1238.

84 MIGUEL TORGA (1995), p. 655.

85 MIGUEL TORGA (1995), p. 1202.

86 MIGUEL TORGA (1995), p. 1272.

No seu percurso nunca aderiu a nenhum partido político e foi contundente com muitos dos governantes. Qual a justificação para esta decisão?

“Metem medo, estes nossos políticos. Dá-se-lhes a confiança e o voto na melhor boa fé, e quando esperamos deles uma palavra de clarividência, fruto de um pensamento amadurecido no conhecimento das realidades pátrias, roem-nos a corda. Sobem a uma tribuna e deixam-nos boquiabertos com os repentismos de uma demagogia desmiolada. Em vez de serem os enviados redentores em que acreditámos, parecem pragas de Deus”⁸⁷. “Deus nos defenda! Há um agente infeccioso dos palácios como o há dos hospitais. Um miasma subtil que contamina as consciências e as conforma com as sinuosidades do poder, dando-lhes uma versatilidade artilosa que, à força de compromissos, pequenas traições e vagos sucessos, se julga tão inteligente como a inteligência”⁸⁸. “Ouvir um político, é ouvir um papagaio insincero”⁸⁹. “Corrupção. O cancro que rói o corpo e ameaça contaminar a alma de Portugal”⁹⁰. “A mediocridade, a avidez e o desplante instalaram-se a todos os níveis da governação, e Deus nos acuda. Mas não é a degradação da classe dirigente que mais me aflige. Nunca alimentei ilusões a seu respeito. O que verdadeiramente me mortifica é o desinteresse, a indiferença com que o país assiste ao espectáculo. Não se vislumbra o mínimo sinal de indignação. É um alheamento trágico, que presencia o aviltamento de braços cruzados, impassível, sem um resmungo, sem uma impaciência. Há horas colectivas más. Esta, para nós, é uma delas. Enquanto durou a ditadura confiávamos no futuro. Embora subjugados, éramos subversivos em pensamento. Tínhamos a esperança na vontade e a liberdade na imaginação. Agora, que fizemos a mais arbitrária revolução da nossa história, ficámos frustrados e desmotivados. Parecemos mortos a representar a vida no palco da nação”⁹¹. “Há uma coisa que eu nunca poderei perdoar aos políticos: é deixarem sistematicamente sem argumentos a minha esperança”⁹². “O grande crime de certos governantes é criar no espírito dos governados a convicção de que não vale a pena caminhar, porque estão num deserto, e é sempre mais deserto...”⁹³.

Foi um grande paladino da liberdade durante a ditadura, qual a importância do “íodo tónico liberdade”⁹⁴, como um dia a apelidou?

“Os caminhos da liberdade são árduos e vêm mal assinalados nos roteiros das várias ortodoxias. Mas, quer elas queiram quer não, levam sempre às clareiras do triunfo. É só porfiar e dar tempo ao tempo”⁹⁵. O custo da liberdade! As ideologias prometem dá-la de mão beijada, e acabam por vendê-la a preço de sangue. E nem a glória de a ter merecido concedem aos que são capazes do supremo sacrifício de a pagar com a própria vida. Chamam-lhes traidores”⁹⁶. “Liberdade! liberdade! liberdade! Parece infantil, mas é verdadeiro. Sem ela, é que nada feito. Poderá dar lugar a um certo desregramento, a uma certa anarquia. Mas o melhor do homem só nela se realiza.”⁹⁷. “Sim, liberdade. Sobretudo aquela que sempre mais procurei honrar e me não canso de exaltar. A que pode ter naturalmente qualquer homem que se afirme como tal em todas as circunstâncias, e que não é um privilégio recebido, mas uma virtude intrínseca. A outra, outorgada pela constituição, e que nos foi roubada durante cinquenta anos, também, evidentemente, embora em lugar segundo, por ser apenas a condição ética indispensável à nossa dignidade de cidadãos”⁹⁸. “Ser livre é um imperativo que não passa pela definição de nenhum estatuto. Não é um dote, é um dom”⁹⁹.

Defende então uma liberdade intrínseca e responsável como caminho para a identidade e autenticidade da pessoa?

“A liberdade é sempre o último caminho. Um caminho direito que, por não levar concretamente a nada, nos leva à esperança”¹⁰⁰. “Lutara sempre por uma comunidade universal de valores fraternos, por uma ordem social onde a liberdade fosse a lei das leis. [...] Assistia ao espectáculo degradante de um mundo massificado e agressivo, que confundia a liberdade com o seu desejo irresponsável de permissividade e impunidade [...]. Confiava no triunfo final de um homem livre, ao mesmo tempo singular e convivente, sensível à graça do racional e do irracional, actuando por deliberações lúcidas da vontade e cioso da sua dignidade

87 MIGUEL TORGA (1995), p. 1300.

88 MIGUEL TORGA (1995), p. 1373

89 MIGUEL TORGA (1995), p. 864.

90 MIGUEL TORGA (1995), p. 1460.

91 MIGUEL TORGA (1995), p. 1441.

92 MIGUEL TORGA (1995), p. 1453.

93 MIGUEL TORGA (1995), p. 761.

94 MIGUEL TORGA (1995), p. 783.

95 MIGUEL TORGA (1995), p. 1527.

96 MIGUEL TORGA (1995), p. 1560..

97 MIGUEL TORGA (1995), p. 773.

98 MIGUEL TORGA (1995), p. 1460.

99 MIGUEL TORGA (1995), p. 1169.

100 MIGUEL TORGA (1995), p.607.

transcendente”¹⁰¹. “Liberdade. Passei a vida a cantá-la, mas sempre com a identidade no pensamento, ciente de que é ela o supremo bem do homem. Nunca podemos ser plenamente livres, mas podemos em todas as circunstâncias ser inteiramente idênticos. Só que, se o preço da liberdade é pesado, o da identidade dobra. A primeira, pode-nos ser outorgada até por decreto; a outra, é sempre da nossa inteira responsabilidade”¹⁰². “Sem tempo e sem forças para ir mais longe na caminhada, é-me grato terminá-la na convicção em que vivi, [...] que só depois de se ser autêntico se é livre, e que há uma comunicação dos homens do espírito tão misteriosa e sagrada como a dos santos. Por essa liberdade identificada lutei e paguei a minha conta”¹⁰³. “Lutei a vida inteira para ser livre. Mas consegui apenas preservar a minha identidade”¹⁰⁴.

Muitos dos críticos consideram-no um desesperado, agónico. Concorda com esta visão? Qual a raiz do sofrimento, da angústia?

“A mim acontece-me, frequentes vezes, dessintonizar-me com tudo o que me rodeia, pessoas e coisas. Nessas ocasiões, qualquer voz alheia parece-me uma agressão, a natureza um cenário, a vida, um absurdo”¹⁰⁵. “O meu desalento vem duma voz negativa que me acompanha desde o berço e que nas piores horas me diz isto: Nada, em absoluto, vale nada”¹⁰⁶. “O sentimento de frustração é a nossa mais exacta medida. Ele é que baliza a distância que vai daquilo que quisemos ser àquilo que pudemos ser”¹⁰⁷. “O espírito não tem repouso possível [...]. De dia e de noite espera-o sempre o mesmo catre duro da inquietação, tronco de aflições reais ou de pesadelos. Nasci condenado a ser agónico a tempo inteiro. Nas horas conscientes e nas inconscientes”¹⁰⁸.

Mas mergulhado no desespero sente que há uma saída possível?

“Desespero, desespero e mais desespero. Muito bem. Simplesmente, é necessário que, esgotado o cálice de amargura, surja a bebedeira da esperança. Que as almas aterradas vislumbrem uma clareira de refrigério nos matagais da angústia”¹⁰⁹. “A angústia é o rosto sério da esperança. Um rosto que se não revê justificado e contente ao espelho cómodo de qualquer grémio progressivo, mas testemunha na própria crispação a intensidade com que espera e confia. Só o desespero incessante tem jus ao futuro, o fundamenta e o intima. Torna-se credor da sua realidade, na denúncia constante e dolorosa das forças que lhe tolgem o advento. A quietação que o deseja, nega-o nessa mesma tranquilidade. Fá-lo cúmplice e prolongamento dum presente sem sobressaltos nem apoquentações. Sacia-se no banquete de hoje, e apalavra outro, ainda mais lauto, para amanhã”¹¹⁰. “Não posso viver sem esperança, e quero viver”¹¹¹. “Quanto mais pobre estou desse conteúdo humano, mais cheio me sinto de desespero”¹¹². “Mesmo absurda, a esperança é sagrada. Quem alguma vez teve nos olhos a evidência do seu rosto natural, jamais se consolará com a precária sugestão das suas aparências. Mas são essas miragens acidentais que trazem à memória do naufrago dos dias o verdadeiro nome do movimento que o devolve dos abismos à tona do desespero”¹¹³. “Um poeta, por mais pobre que seja, tem sempre que dar e eu dou isto: esperança”¹¹⁴. “É de esperança, eterna e sempre renovada esperança, a nossa lúdica presença na terra”¹¹⁵. “Ministram-nos o desespero em quantidades maciças e a esperança em doses homeopáticas”¹¹⁶.

Mas encontrou uma solução que conferisse sentido à sua existência?

“Parto do mundo profundamente desiludido de mim [...]. Não encontrei resposta para nenhuma das perguntas inquietantes que em momento algum deixou de me fazer a voz atormentada da alma [...]. A pobre luz natural do meu espírito nunca quis ceder o passo a qualquer claridade sobrenatural. Enfrenizou-se sempre em ser ela o único sol que me guiava. E era alumiado por tão precária candeia que queria descobrir a verdade nas trevas da minha noite humana! ‘Procurai e encontrareis...’ Mas eu ouvia apenas o primeiro termo do mandamento. Faltou-me sempre fé para acreditar no segundo. E nem o oiro da esperança eterna levo na dobra

101 MIGUEL TORGA (1991), p.499.

102 MIGUEL TORGA (1995), p. 1579.

103 MIGUEL TORGA (1995), p. 1640.

104 MIGUEL TORGA (1995), p. 1592..

105 MIGUEL TORGA (1995), p. 611.

106 MIGUEL TORGA (1995), p. 20.

107 MIGUEL TORGA (1995), p. 1415.

108 MIGUEL TORGA (1995), p. 1535-1536.

109 MIGUEL TORGA (1995), p. 881.

110 MIGUEL TORGA (1995), p. 956-957.

111 MIGUEL TORGA (1995), p. 467.

112 MIGUEL TORGA (1995), p. 22.

113 MIGUEL TORGA (1995), p. 1142.

114 MIGUEL TORGA (1995), p. 771.

115 MIGUEL TORGA (1995), p. 540.

116 MIGUEL TORGA (1995), p. 1548.

da mortalha. Daí o terror com que vejo aproximar-se o fim, onde só posso chegar no pavor biológico de bicho consciente, e no desespero humano de saber que terminam ali, irrevogavelmente, todas as minhas possibilidades de salvação”¹¹⁷. “A perspectiva do fim é trágica. Para todos, e mais ainda para aqueles que não visaram alvos fora deste mundo. E eu sou desses. Como médico e como artista, cingi-me rasteiramente à condição. Um a dar alento à esperança, outro a cantá-la. Por isso, as minhas beatitudes são terrenas. Acredito piamente que é neste pobre planeta que tudo se processa e vale ou não vale a pena. Que é aqui que nos cumprimos ou negamos, que nos transcendemos ou não, dando à vida a dignidade que ela merece, por ser o supremo bem, o que procurei fazer incansavelmente”¹¹⁸. “Optei por determinado ideal em que o homem é responsável, e não desisto dele. Hei-de chegar ao fim a lutar como comecei. A lutar por uma salvação que não depende da graça de nenhum Deus, mas da minha liberdade de a desejar”¹¹⁹. “Querida era sentir-me ligado a um destino extra-biológico, a uma vida que não acabasse com a última pancada do coração”¹²⁰.

Outra marca emblemática e peculiar da sua obra é o seu problema religioso.

“O problema religioso surge quando somos pequenos e temos de ir à missa por obrigação e ainda por cima comungar. Em brave começam as dúvidas, que são a etapa dolorosa”¹²¹. “Nunca lhe dei uma solução capaz. Vejo um destino ardiloso onde deveria ver um Deus misericordioso. E jogo com ele às escondidas, enredado numa teia de agoiros. Em vez de ser um crente adulto confiado, sou um infantil desconfiado”¹²². “A pobre luz natural do meu espírito nunca quis ceder o passo a qualquer claridade sobrenatural. Enfrenizou-se sempre em ser ela o único sol que me guiava. E era alumiado por tão precária candeia que queria descobrir a verdade nas trevas da minha noite humana! ‘Procurai e encontrareis...’ Mas eu ouvia apenas o primeiro termo do mandamento. Faltou-me sempre fé para acreditar no segundo. E nem o oiro da esperança eterna levo na dobra da mortalha. Daí o terror com que vejo aproximar-se o fim, onde só posso chegar no pavor biológico de bicho consciente, e no desespero humano de saber que terminam ali, irrevogavelmente, todas as minhas possibilidades de salvação”¹²³. Não sou ateu, mas também não sou crente. Sou um ser religioso, como qualquer pessoa. Nada mais”¹²⁴. “Deus. O pesadelo dos meus dias. Tive sempre a coragem de o negar, mas nunca a força de o esquecer”¹²⁵. “Medularmente religioso, faltava-me, contudo, a humildade necessária para acreditar”¹²⁶. “Isto de religião está cada vez pior dentro de mim. Depois de uns arrancos fundos e angustiosos, a coisa foi secando, secando, até chegar a esta mirra mística, que já não há Jordão teológico capaz de vivificar. Mas quanto mais pobre estou desse conteúdo humano, mais cheio me sinto de desespero. O que eu dava para me levantar cedo esta manhã, ir à missa, e voltar da igreja com a cara que trazia o meu vizinho!”¹²⁷. Mas “enquanto o meu corpo e o meu espírito puderem esbracejar, nunca farei o jogo sujo de erguer as mãos por cálculo diante de nenhum altar. Mas dado que sim, que exista um Deus cioso que a minha miopia me não deixa ver claramente, quero crer que é esta mesma atitude de rebeldia que espera de mim. Tragicamente postas num pé de dúvida irremediável, as nossas relações teriam de ser, e foram sempre, difíceis mas viris. De potestade a potestade. A onipotência divina enfrentada pela inconformação humana”¹²⁸. E depois, há o problema da liberdade e da alienação, do aprisionamento no seio das religiões oficiais. Contudo, “uma autêntica vivência religiosa deslumbra-me sempre. Mas um sistema religioso apavora-me como a própria morte”¹²⁹.

Mas em certas ocasiões chega a sentir noltalgia do tempo em que acreditava: falo da Páscoa, da primeira Comunhão, como se pode ler no *Diário* e n’*A Criação do Mundo* e também nos belos poemas que no Natal brotam do seu coração:

Sim, escrevi a desafiar muitas vezes alguma noltalgia: “Mesmo que quisesse, dificilmente conseguiria explicar o que se passava comigo. Esquecido de Deus durante cinco anos, caíra de repente num misticismo agudo. Era Páscoa. Sem qualquer transição, passava da selva agressiva e desordenada a um mundo brando e regrado, que uma velha liturgia de ladainhas, ramos bentos, cetins e aleluias santificava. Quando na aldraba da porta um pequeno galho de loureiro se curvou à passagem da cruz paroquial, e sobre a cómoda, dentro dum

117 MIGUEL TORGA (1995), p. 1062-1063.

118 MIGUEL TORGA (1995), p. 1500

119 MIGUEL TORGA (1995), p. 793.

120 MIGUEL TORGA (1995), p. 22.

121 *Entrevista*, in MOLINA, C. A. (1990), p. 197-198.

122 MIGUEL TORGA (1995), p. 1431.

123 MIGUEL TORGA (1995), p. 1062-1063.

124 *Entrevista*, in MOLINA, C. A. (1990), p. 197-198.

125 MIGUEL TORGA (1995), p. 1435.

126 MIGUEL TORGA (1991), p. 174.

127 MIGUEL TORGA (1995), p. 22.

128 MIGUEL TORGA (1995), p. 1118.

129 MIGUEL TORGA (1995), p. 709.

frasco vazio de magnésia S. Peregrino, que meu Pai tomava, o ramo de camélias se nimbou de mais brancura, caí de joelhos, sem querer. O Pedro Só, o sacristão, trazia a mesma opa reluzente, salpicada de pingos de cera, e o crucifixo vinha como outrora enfeitado de amores-perfeitos. E, embora o prior velho tivesse morrido, e a presença estranha do novo dificultasse um pouco o reencontro com a devoção passada, toda uma ancestralidade crente e contrita reviveu dentro de mim. Das trevas do meu próprio espírito ressuscitava um Cristo redentor que humanizava a morte e sacralizava a vida. Um Cristo que, afinal, eu nunca traíra, apesar de muitas vezes o haver negado”¹³⁰. “Ser incrêdo custa muito! É dia de Páscoa. O gosto que eu teria de beijar também o Senhor, se acreditasse! Assim, olho a fé dos outros em aleluia, e fico nesta tristeza agnóstica que faz da vida uma agónica aventura sem esperança de ressurreição”¹³¹.

O que pensa do tempo presente?

“Eu acredito na História. Por isso, espero que ela escarre um dia sobre esta época, agoniada de nojo. Será tarde, evidentemente, para que os tartufos de agora sintam o cilindro da justiça a brunir-lhes a grandeza, e para que os humilhados tenham ainda em vida a desforra que merecem. Mas o homem dura pouco demais para poder assistir ao espectáculo inteiro da comédia de que também é comparsa. Tem de nomear representantes até para comerem os frutos das próprias árvores que planta. De maneira que eu delego na História um vômito azedo sobre isto”¹³². “Está tudo podre. E de madeira podre não se faz boa obra. Construir o futuro com este material, seria trair a esperança dos que merecem tê-la. Toca-se numa consciência, e nunca nos soa a indignação, a cerne ofendido. É um som choco que se ouve, meio queixoso, meio cauteloso, meio gozoso, de toco furado. O peto foi-se à floresta, picou, picou, abriu na polpa de cada tronco o indispensável caminho à infiltração deterioradora, e o tempo, paciente, encarregou-se do resto. Deu latitude à gangrena progressiva, enquanto a disfarçava com o musgo da aparência. E chegamos a isto: percorre-se a mata e não se encontra uma árvore que dê uma trave em condições”¹³³. “Basta de agonias e de masturbações! O mundo luta pela sua redenção, que está perto. Cantem os poetas esta nova manhã!”¹³⁴.

A rematar, para sintetizar, gostava que nos defenisse o seu “santo e senha” como poeta?

“Todo o meu afinco a lavrar papel teve uma lei: nem me enfatuar, nem mentir. Ser como sou, doesse a quem doesse. A mim, em primeiro lugar”¹³⁵. “Ser idêntico em todos os momentos e situações. Recusar-me a ver o mundo pelos olhos dos outros e nunca pactuar com o lugar comum”¹³⁶. “Não deixar a verdade sepultada no tinteiro, nem a sinceridade disfarçada na penumbra das palavras”¹³⁷. “Em lugar de pudins, livros com dinamite por dentro”¹³⁸. “Cantei o amor, a esperança, a liberdade e a poesia. E porfio no canto, apesar do cansaço. Foi essa a minha penitência e a minha glória. Doente, tartamudo, tímido, todo eu parecia condenado ao ceptismo e à renúncia. Havia, contudo, dentro de mim outras forças menos aparentes e mais poderosas que não se resignaram à resignação. Uma alma só vale pelas suas contradições. E a que me coube em sorte era um enxame delas. Se muito duvidei, muito confiei. Acossado entre dois fogos, ora me via perdido, ora salvo. Acabou por vencer o poder que mais podia. E ficou dessa luta titânica um hino à vida. Um hino apaixonado, de que é negativo uma elegia desencantada, que teve motivação, foi consciência dolorosa, teimou em ser ouvida, mas não conseguiu impor a sua voz”¹³⁹.

Por 5estrais

130 MIGUEL TORGA (1991), p. 136-137.

131 MIGUEL TORGA (1995), p. 1295.

132 MIGUEL TORGA (1995), p. 370.

133 MIGUEL TORGA (1995), p. 794.

134 MIGUEL TORGA (1995), p. 254-255.

135 MIGUEL TORGA (1995), p. 1637.

136 MIGUEL TORGA (1995), p. 1588.

137 MIGUEL TORGA (1991), p. 159.

138 MIGUEL TORGA (1995), p. 426. “

139 MIGUEL TORGA (1995), p. 1532-1533.